



HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS NA DÉCADA DE 20: UM ESTUDO TEÓRICO

Paulo Rodolfo Barbosa¹

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade de inserir o leitor em aspectos que norteiam o Sistema Educacional da cidade de São José dos Campos no período da década de 20, diante do tríptico “Escolaridade, Religião e Indústria”. Os pontos pertinentes aos fatos históricos que marcaram esta cidade, assim como, enfocaremos a formação sócio-político-econômico-religiosa do município, vindo a contrastar estes temas com o movimento educacional da década de 20. Destacaremos as principais instituições educacionais de São José dos Campos, bem como os seus conflitos e perspectivas: ideologia/propostas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação. Docente. Pedagogia.

HISTORY OF EDUCATION IN SÃO JOSÉ DOS CAMPOS IN THE 20'S: A THEORETICAL STUDY

ABSTRACT

This work has the purpose of the insert the reader in few aspects that leads the Education System of the city of São José dos Campos in the period of the decade of 20, in front of the triad “School, Religion and Industry”. We are going to analyze pertinacious points of the historical facts that marked this city, after that, in the 2^o chapter, we’ll focalize the formation “social-politician-economy-religion” of the city, going into contrast these topics with the educational movement in the decade of 20. We’ll detach the major’s educational institutions of São José dos Campos, as yours conflicts and perspectives: ideology/pedagogy proposals.

Keywords: Education. Teaching. Education.

¹ Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo; Graduado em Pedagogia e História pela Faculdade Paulista São José, São Paulo, Pós-Graduado em História pela Universidade de Taubaté, São Paulo, Pós-Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Pós-Graduado em Gestão Escolar pela Fapesp, Mestrando em Ciência da Educação pela Unigrendal São Paulo. pbarbos7@bol.com.br



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância de uma análise mais sucinta da Educação na Década de 20 na cidade de São José dos Campos e de que maneira a cidade, alavancada principalmente por sua elevação como estância hidromineral e destarte, apta a executar o tratamento em pacientes portadores de moléstia tão epidemiológica como a tuberculose e como este novo paradigma, foi o responsável por criar uma “nova” cidade.

O surgimento de novos estudos de técnicas que visavam, sobretudo a contenção da doença e inovadoras formas de tratamento, veio a impulsionar significativamente os avanços urbanos, em suas construções de acolhimento aos doentes e seus acompanhantes, bem como evidenciou o surgimento de clínicas (sanatórios) que buscavam a especialização e boas práticas no combate à tuberculose, por meio de ações de assepsia, novos remédios e uma “cultura” de tratamento.

Concomitantemente a tais fatores que corroboraram para a elevação da cidade de São José dos Campos de mera coadjuvante no cenário político e financeiro do Vale do Paraíba, a Educação ganha novos ares, onde o estudo e o surgimento de novas formas de educação tanto pelo nascimento de escolas confessionais e públicas que visavam, sobretudo ao atendimento desta nova demanda de serviços, através do surgimento de pousadas, de fábricas, de uma geração de trabalhadores ligados ao comércio e ao nascedouro de uma pungente Indústria o que veio a interferir nas condições de abastecimento pluvial e elétrico da cidade, bem como criação de planejamentos sociais e urbanos que visavam, sobretudo a longevidade desta efervescente onda de crescimento.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E SUA HISTÓRIA: A ORIGEM

Encontramos no Almanach de São José dos Campos de 1922 de autoria de Manoel Monteiro a seguinte descrição:

Em lugar pouco distante do atual, foram aldeados na Segunda metade do século XVI alguns índios Guayanazes dos que o venerável Padre Anchieta havia colonizado em Piratininga. Esse aldeamento foi pouco tempo depois abandonado. Em 1643 ou mais os jesuítas obtiveram diversas datas de terra, e com os índios que restavam daquele primeiro aldeamento, estabeleceram outros em suas fazendas. Daqui o princípio deste município. A primeira aldeia ficou sendo chamada Villa Velha como



consta em diversas sesmarias e escrituras de venda e doação feita aos jesuítas, existentes no cartório e Thesouraria da Fazenda. Em 1650, Ângelo de Siqueira Afonso e sua mulher Antônia Pedrosa de Moraes e Francisco João Leite ou Lemos com família, pediram o obtiveram diversas sesmarias, dando como razão o facto de quererem lançar o povoamento nas margens do Parayba, desde o termo de Jacarehy, que pela sua fertilidade deveria produzir bons rendimentos. Essas pessoas começaram o seu trabalho, com imensas dificuldades, progredindo o arraial com muita lentidão. Já o desanimo apoderava desses povoadores que corroborava com a indisposição dos indígenas, devido ao mau trato que recebiam que o arraial estava a ponto de desaparecer. Assim as coisas caminhavam quando um facto imprevisto veio a mudar a face dos acontecimentos. O capitão mór de Jacarehy, José de Araújo Coimbra, em 1709 veio trazer um auxílio a esta povoação e tanto auxiliou que o progresso foi se tornando cada vez maior até que por fim é elevada a villa em 1767, (27 de julho) conforme os documentos seguintes. Illmo. E Exmo. Snr. Remetto a V. Ex. a forma porque erigi em vila a aldeia de S. José, em cumprimento da esperança que a V. Ex. dei em 21 de dezembro de 1766. As disposições do terreno, a fertilidade dos campos, e a bela situação que tem muito perto do rio Parahyba, prometem que será pelo tempo adiante, uma das melhores vilas desta Capitania. Conservei-lhe o mesmo nome, chamando-lhe a nova villa de S. José do Parahyba (...) (ALMANACH MONTEIRO, p. 37-38).

Elevada a condição de Vila conforme a lei provincial de nº47 de abril de 1871, passou se a chamar São José do Parahyba e não mais Villa Velha. (sic!)

Em abril de 1871 em virtude das inúmeras campinas existentes na região, a Câmara Municipal resolveu mudar o nome do município de São José do Parahyba para São José dos Campos como o é atualmente.

A presença da Igreja Católica no que concerne a fundação de São José dos Campos fica nítida por meio do desempenho de seus sacerdotes.

O padre Francisco de Paula foi o primeiro que abriu o assento de baptismo nesta povoação antes de dadas as ordens para isso em 8 de janeiro de 1747. O padre provincial João Honorato veio a esta villa em 1775 crismando 131 homens e 104 mulheres e a 17 de novembro de 1779 frei Manoel de Ressurreição traçou os limites da vila (ALMANACH MONTEIRO, 1922, p. 38).

No dia 22 de abril de 1864, São José do Parahyba foi elevada à categoria de cidade e em 6 de abril de 1872 a comarca, embora não tivesse sido Freguesia o que era costumeiro na época. Destarte, a comemoração que hoje fazemos da cidade de São José dos campos no dia



27 de julho é referente a sua elevação de Vila (27 de julho de 1767) e não de cidade, pois a mesma deveria ocorrer no dia 22 de abril.

Segundo dados, o primeiro Prefeito para São José do Parahyba foi o Capitão Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade que exerceu a função por muitos anos.

A POLÍTICA NA DÉCADA DE 20: A FASE SANATORIAL

Tendo o seu início datado como o período que abrange de 1900 a 1950, a fase a qual denominamos de Sanatorial, deixou profundas marcas na Historiografia de São José dos Campos e de seus concidadãos.

Intitulada como cidade da “cura” para a tuberculose pulmonar também chamada de “peste branca”. A Cidade passou por profundas transformações que repercutem até os dias atuais.

Muitas pessoas infectadas passaram a migrar para a Cidade que segundo consta possuía: “situação privilegiada na disponível rede de transportes, naquele momento, e sua relativa proximidade com a capital paulista (BITTENCOURT, 1998, p. 28).”

As suas condições climáticas foram também fator preponderante em sua procura por tuberculosos.

Tendo o primeiro Sanatório: Vicentina Aranha iniciada as suas obras em 1918 e inaugurado parcialmente em 1924. Há indícios que a procura da cidade pelos infectados é anterior ao início do séc. XIX.

Assim, como dentre outros que vieram para a cidade neste período (década de 20) em busca de um pronto restabelecimento para as suas convalescências, vieram também às irmãs Salesianas: Assunta Sublaid e Rosalina Frazão.

Chegando à cidade em 23 de março de 1923, as irmãs se depararam com a fase sanatorial em plena efervescência.

De cidade rural que possuía como principal fonte econômica as atividades correlacionadas ao campo, se vê em necessidade de uma transformação radical.

Com um acelerado nível de investimentos nas áreas: de transporte, de saneamento, de infraestrutura, a fim de atender as necessidades de uma “nova clientela emergente” os



“tuberculosos”, a cidade passa a ter uma vida urbanizada. É na cidade e não mais no campo onde se concentra as grandes decisões: políticas, econômicas, religiosas e sociais.

Sistema de pensões, hotelarias são criadas, bem como surgem diversas farmácias: Farmácia São José, Farmácia Saloni, Farmácia Madureira, Farmácia Santo Antônio.

Havia estabelecimentos comerciais distintos: aos que atendiam especificamente aos tuberculosos, portadores de moléstias contagiosas, aos que atendiam toda espécie de clientela e os que se mantinham distante dos infectados.

O principal ponto comercial da cidade nesta época é o Mercado Municipal. Construído nos anos de 1893 para atender as demandas que vinham do campo, das regiões de Minas. Tornava-se o grande centro econômico e social da região. Local de encontro, de compra e de venda, de política.

Não atendendo mais as necessidades a que se propunha o Mercado Municipal, durante a gestão do prefeito cel. João Alves Cursino foi substituído por outra edificação que vinha de encontro com as perspectivas sanitaristas da época. No dia 11 de março de 1923 deu-se a inauguração do novo prédio que abrangia uma área muito maior que a do seu antecessor, bem como as exigências sanitárias vigentes.

Inúmeros Sanatórios são erigidos ou planejados na cidade, muitos destes ligados a uma denominação religiosa, principalmente a Igreja Católica que por meio de seus sacerdotes e irmãs se interagem diretamente com a vida social da cidade neste período, pois as pensões e hotéis que se utilizavam na época para atender estas pessoas já não eram suficientes e nem mesmo eficazes ao que se pretendiam. A cura de suas enfermidades. Não obstante, a localização dos hotéis e pensões no centro da cidade se tornava algo extremamente perigoso, sendo a tuberculose pulmonar uma moléstia contagiosa. Daí a necessidade de se criar um zoneamento para a construção destes sanatórios.

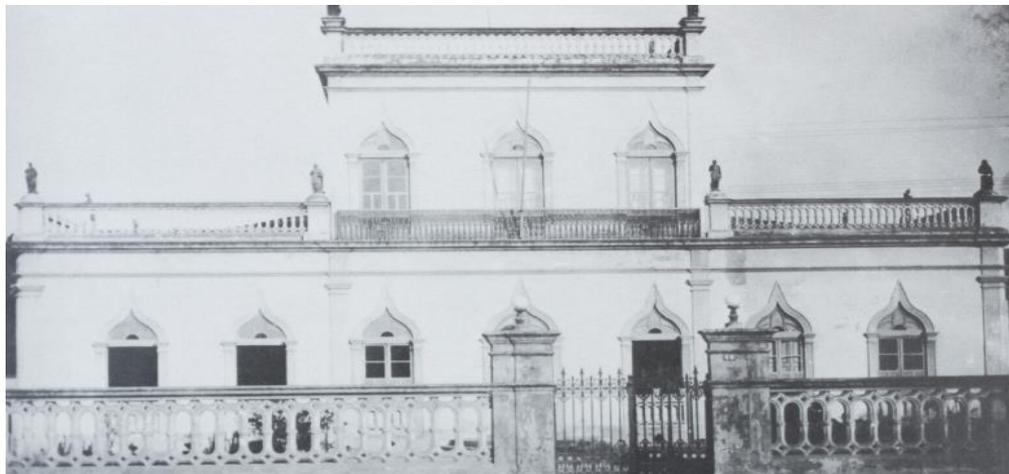
Embora o perigo do contágio era algo iminente, a tuberculose trazia de contraponto para o Município investimentos, gerava divisas, aumentava o giro de capital e tornava a cidade conhecida pela sua excelência no tratamento dos enfermos.

A EDUCAÇÃO NA DÉCADA DE 20



São José dos Campos no início da década de 20, além das escolas rurais possuía como principais colégios: O Olímpio Catão e o Sant'anna.

Sobre o Colégio Olímpio Catão



(Fonte: Almanach de 1922)

Citado nos jornais da época como o primeiro Colégio de São José dos Campos tem sua fundação datada em 03 de julho de 1896. Fora um estabelecimento de ensino criado pela Secretaria do Interior do Estado de São Paulo e a princípio teve suas instalações num prédio pertencente à família Mascarenhas, nas proximidades da Igreja Matriz de São José. No dia 02 de março de 1899 foi dissolvido pelo Governo do Estado e transformado em Escolas Reunidas diante de grande protesto da população local. Em 10 de setembro de 1910, voltou as suas atividades em um casarão situado à Rua XV de novembro (antiga Rua Direita) este de propriedade da família Baracho. Grande parte da população Joseense teve no Olímpio Catão sua iniciação ao saber.

O que interessante notarmos, que embora o Colégio “Olímpio Catão” fosse o primeiro estabelecimento “urbano” do Município, este, pelos diversos interesses dentro os quais destacamos o político não tinha nem mesmo sede própria, vindo a ser transferido inúmero vezes, não se fixando o que muito dificultava o aprendizado dos seus alunos e isto foi a tônica que se seguiu para esta unidade de ensino.

O secretário geral da Secretaria do Interior, Dr. Dino Bueno, informava que o governo do Estado não estava em condições de comprar o prédio onde funcionava o grupo escolar e muito menos construir novo prédio



em um terreno ofertado pelas autoridades japonesas (JUNIOR, 1979, p. 223).

Destarte, as prerrogativas que o Senhor secretário fez, além de não ser pertinente a questão em si, deixava ainda mais claro o embate política que se travava tendo como “pano de fundo” a questão educacional, mais precisamente o “Olímpio Catão”.

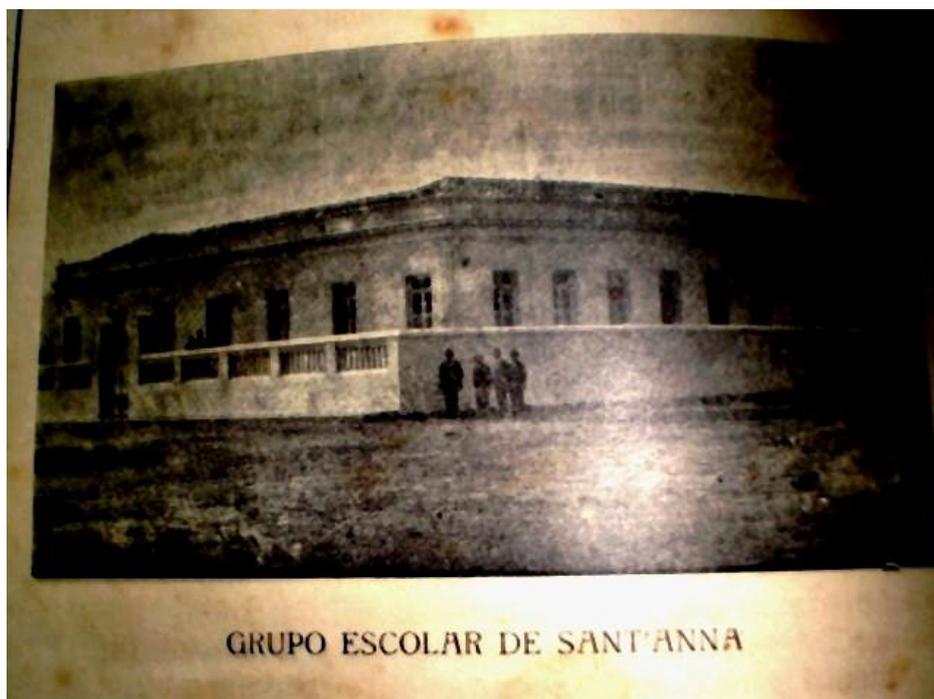
O argumento de que não haveria meios financeiros para manter o prédio onde funcionava o colégio ou o de até mesmo de adquirir outro, não se sustentava, sendo que a Câmara para tal, oferecia o mesmo que era utilizado antes de ser fechado o grupo escolar. E em relação a necessidade de que se mantivesse o grupo escolar em atividade, o recenseamento feito em 9 escolas existentes na época, mostrou haver número mais do que suficiente de alunos.

E entre bajulações, benéfica troca de correspondências, notas na imprensa, discursos efusivos, homenagens. Em 02 de fevereiro de 1901, a Secretaria do Interior de Estado restabeleceu o Grupo Escolar "Olímpio Catão" Tendo este, permanecido com o nome original, e não mudado para “Bento Bueno” (nome do secretário do interior) como queriam alguns ilustres cidadãos japoneses.

O ideário simbólico está por deveras presente no sistema educacional da década de 20 na cidade de São José dos Campos. Marcado por influência positivista, também na esfera educacional vê-se o uso da simbologia no intuito de fazer cidadãos “brasileiros” e restabelecer “A República”. Tendo esta finalidade, nos colégios japoneses era ostentada a figura dos Republicanos e de toda a simbologia que encerra este sistema de governo.

O culto a bandeira, as datas festivas (Proclamação da República, Independência) tinham seus destaques nestes colégios como podemos apurar em jornais da época.

GRUPO ESCOLAR DE SANT'ANNA



(Fonte: Almanach de 22)

Conhecido como o 2º Grupo Escolar de São José dos Campos, o Grupo Escolar de Sant'anna, foi criado pelo decreto nº 28, de 28 de abril de 1920 e instalado no dia 01 de maio do mesmo ano diante de uma perspectiva pedagógica educacional que fosse condicente com as necessidades da época, obedecendo à exigências modernas de pedagogia.

Segundo o Almanach (1922), as aulas no Colégio funcionavam em dois períodos, constando matriculados 290 alunos sendo estes distribuídos em 8 classes, a saber, 169 meninos e 121 meninas.

A direção do Grupo Escolar estava ao encargo do prof. José Martins Guedes que possuía como auxiliares os professores: D. D. Maria José Vital Marcondes, Durvalina G. Ferri, Carmelinda de Almeida, Octacilia Madureira, Senhorita Risoleta Limongi, Srs. Virgilio Rosas da Silva, José Maria Rodrigues e Mario Ferri (MONTEIRO, 1922, p. 96-97).



Certamente, havia entre o que hoje chamamos de “centro” e o bairro de “Santana” muito mais do que limites territoriais. Além das costumeiras questões políticas, sociais, estas, atingiam também o foro educacional. A própria existência de um colégio que viesse a atender a população do bairro e este sendo considerado moderno para os padrões vigentes, iria contrastar com a situação do primeiro colégio.



(Fonte: Almanach de 1922)



Estando na vanguarda, o bairro de Santana se mostrava como um forte reduto de investimento no âmbito: cultural, comercial, escolar, social e de infraestrutura. Na cultura como destaque o “Grupo Dramático Sant’Anense” que data o ano de 1900 que perdurou por cerca de 5 anos, no campo musical a “Euterpe Santannense” nas letras o “Club Literário de 1905” ambos tendo na figura do Sr. Audemo Veneziani, sua fundação.



Em 1906 foi organizado o “Grupo Carnavalesco” a fim de comemorar o carnaval daquele ano. Na imprensa destaque para o “Pandego” do Sr. Floriano que tinha como objetivo “defender os interesses de Sant’Anna”, o “Santannense” do Sr. Ladislau F. de Oliveira e a “Matraca” que se tratava de um jornal humorístico.

No ano de 1905 era fundada a “Soc. Dançante Democrata Santannense” local de encontro da elite santanense tendo à frente mais uma vez o Sr. Audemo Veneziani.

Fundo do Colégio de Santana



(Fonte: Almanach de 22)

Havia também duas sociedades beneméritas: A Vicentina ligada à Igreja Católica e a Caixa Escolar cujo principal objetivo era o de atender as crianças pobres que estudavam no Colégio de Sant’Anna, pelo fornecimento de lanches e roupas, dar-se-á, desta maneira a ideia de que alunos carentes eram atendidos pelo grupo escolar.

Analisando os nomes dos professores citados como diretores e adjuntos dos Colégios Olímpio Catão e Sant’ana, podemos observar que muitos destes são hoje nomes de instituições de ensino da cidade de São José dos Campos.

Embora o bairro de Santana passasse por grandes transformações que repercutiram nos mais variados aspectos da vida da população local, pairava sobre estes um sentimento de hostilidade e aversão como bem nos salienta o “Almanach de 22”.

Sem motivo justificado os habitantes de San’Anna são tidos por indolentes, semisselvagens, muçulmanos quanto à submissão, mas a verdade que tudo o que dimana daquele bairro é envolto em modéstia e humildade (...) **Sic!** (MONTERIO, 1922, p. 97).



A cidade passa então a ser dividida em dois polos urbanos, a saber: O Centro e Sant'Anna. O Centro na tentativa de restabelecer os seus padrões e ampliar o seu papel como agente fomentador da sociedade Joseense, este se vindo ameaçado pelo crescente em que se encontra o bairro de Sant'Anna, noutro sim, o bairro querendo se ver livre do estigma de “*zona marginal*” mostrando que tem potencial e sabe fazer prevalecer os seus direitos.

CATOLICISMO E EDUCAÇÃO

A História da Educação no Brasil se confunde com a História da Companhia de Jesus. Estes quando aportaram aqui no Brasil Colônia por volta de 1554, trataram além de catequizar a população indígena de criar na mentalidade deste povo uma ideologia que ultrapassasse o próprio tempo cronológico. “Apontados “como muitos como os grandes” intelectuais orgânicos” desta nação, os Jesuítas mesmo depois de sua expulsão em 1754 se mantiveram por meio da difusão de suas ideias no cenário educacional deste país o que vem a corroborar para tal conceito.

A cidade de São José dos Campos que para muitos autores teve na pessoa de José de Anchieta o seu fundador não poderia ser diferente, aliás o catolicismo devocional marcado por intenso clima piedoso e moralizante sempre foi uma característica preponderante da região do Vale do Paraíba.

Em São José dos Campos na década de 20 se faz notória pelos meios de comunicação local a influência ideológica e política que a Igreja Católica adota, chegando muitas vezes a combater outras tentativas protestante de se inserir na vida pública da cidade com intenso rigor.

No campo Educacional e da Saúde, temos a inserção de novos colégios confessionais e de sanatórios que visavam, sobretudo a manutenção da fé, a continuidade de uma estrutura embasada nas relações devocionais e nas práticas de piedade cristã. Um indicativo deste momento de efusão dos investimentos da Igreja Católica no sistema Escolar e do tratamento a tuberculose na cidade como nos afirma Chuster: “A concentração de sanatórios, pensões e repúblicas na cidade foi, em grande parte, responsável por esse processo econômico. A busca pela cura da tuberculose se intensificou com a inauguração do sanatório Vicentina Aranha em 1924 (2010, p. 69).”



E por edificações de diversas unidades escolares de ensino confessional. Dentre estes, destaca-se: O Instituto São José no dia 08 de março de 1926 é fundado sob a denominação de “Externato São José”, com forte influência dos ensinamentos das irmãs salesianas e principalmente de Dom Bosco que é notório por sua extensa influencia na educação de jovens e crianças e os Sanatórios: Maria Imaculada, Vicentina Aranha e Antoninho da Rocha Marmo, estes, tendo como mantenedoras e principais artífices, ordens ligadas a Igreja Católica, a saber, freiras consagradas. Muito embora não sejam exatamente da década de 20 o seu processo e idealização ocorrera neste período. Em São José dos Campos (SP).

Mesmo não sendo mais a “Religião Oficial” do país, o Catolicismo ainda fará prevalecer a sua influência nos ditames que fazem parte da vida cotidiana do povo Joseense e ainda mais, se levarmos em conta o intenso progresso financeiro e político em que a cidade se via inserida visivelmente.² Destarte, manter o controle sobre a Educação passou a ser de vital importância, no que se refere a perpetuar uma ideologia e reafirmar um posicionamento político e ideológico.

Desta maneira, o papel desempenhado por tais Instituições, a Igreja Católica local visava sobretudo o combate aos periódicos da época, a dicotomia tanto debatida em nossos dias entre “fé e razão”. Para ela, a educação desprovida de qualquer elemento religioso é a ruína de toda e quaisquer Sociedade, ou seja, a Religião (Católica) é a base que fomenta toda e qualquer Sociedade.

² Este foi o momento no qual São José dos Campos passou a receber investimentos estatais e a fazer parte das estratégias governamentais, criando as bases infraestruturas que viabilizaram a cidade industrial moderna. Já no período sanatorial começou o processo de industrialização, no decorrer da década de 1920. Em função de incentivos da Prefeitura de São José dos Campos, chegaram as primeiras fábricas: as cerâmicas e a Tecelagem Parahyba. Esta primeira industrialização direcionou o crescimento da cidade para o bairro de Santana, primeiro bairro industrial da cidade. Maria Aparecida Papali (1)

Valéria Zanetti (2)

Maria José Acedo del Olmo (3)

1-Doutora em História Social, Professora e Pesquisadora da UNIVAP, coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica do IP&D/UNIVAP/ Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos

2-Doutora em História Social, Professora e Pesquisadora da UNIVAP, membro do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica do IP&D/UNIVAP/ Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos

3- Mestre em História Social, pesquisadora colaboradora do Projeto Pró-Memória

Fonte: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/historia-sjc/>



Em São José dos Campos, este processo educacional iniciado na década de 20, tornou-se a nascente que viria tornar a cidade polo de tecnologia e segurança nacional, através das Instalações ligadas do CTA- Centro Tecnológico de Aeronáutica e principalmente do ITA- Instituto de Tecnologia Aeroespacial que veio a se tornar a maior referência educacional do país, no que concerne o ensino superior de tecnologia E em relação ao ITA, destacamos: “a escolha da cidade de São José dos Campos para a construção do Centro Técnico de Aeronáutica e o início das atividades da Comissão Organizadora do Centro Técnico de Aeronáutica – COCTA movimentaram a cidade e deram início a um forte processo de transformação de toda a região (PAULA, 2012, p. 45).”

INDUSTRIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

Segundo consta (JUNIOR, 1981, p. 55) “no dia 13 de maio de 1920, sob a lei nº4 a Câmara Municipal de São José dos Campos promulgou o decreto que concedia entre outras benéficas às indústrias que aqui se instalassem investindo um capital mínimo de 50 contos de réis e empregando mais de cem operários os seguintes benefícios”:

- a) Isenção de impostos pelo período de 25 anos.
- b) Concessão do espaço físico para a instalação da Indústria.

Dentre aqueles que utilizaram destas prerrogativas está a figura de Eugênio Bonádio: industrial italiano que juntamente com sua esposa obtiveram da parte da prefeitura cerca de 9.000 metros quadrados, a fim de que fosse erigida aqui nesta cidade uma fábrica de louças a “Santo Eugênio”.

Em 1925 é instalada em São José dos Campos a fábrica de tecidos “Tecelagem Paraíba” que provoca certas mudanças no panorama da cidade.

Sendo a “Tecelagem Paraíba” uma fábrica considerada para os moldes da época como de grande porte, se fazia necessário de que fossem atendidas certas exigências: Creio que a mais profunda tenha sido a mudança da estação ferroviária (principal meio de transporte da época) de onde está localizado hoje o Tênis Clube para a Avenida Sebastião Gualberto.

O que é interessante é de que a Fábrica vai se instalar nas proximidades da estação ferroviária o que vem a facilitar o seu acesso ao que se refere: recebimento de matéria prima



transporte de produtos acabados, comunicação com os principais centros econômicos do país (São Paulo - Rio de Janeiro), bem como maior circulação de transeuntes e também como é salutar lembrar, saindo daquela área considerada “infectada”, fora do limite da zona sanatorial. Sendo assim, a mudança da estação ferroviária está atrelada à vinda da tecelagem Paraíba para São José dos Campos.

Com o avanço tecnológico chegando às portas da Cidade, vê se insurgir uma nova classe de trabalhadores, não mais ligada ao campo, à produção agrícola, mas ao ramo industrial. Esse contingente é em sua grande maioria composto de mulheres e crianças que muitas vezes aprendem o ofício nas fábricas, mas não sabem ler ou escrever o próprio nome. Diante deste cenário começa a aparecer na cidade de São José dos Campos associações que ligadas ao comércio ou a indústria anteriormente até mesmo a década de 20 a levantarem a questão de que se faz necessária atender por meio educacional a esta “nova” classe trabalhadora.

Com a cidade cada vez mais e urbanizando e criando condições de infraestrutura a fim de atrair novos investimentos. O campo começa a passar em decorrência disto a sofrer certo tipo de “abandono”. Aquele fazendeiro que possuía milhares de pés de café em sua propriedade que mantinha uma capela, uma escolinha para seus colonos, este, também já se mudou para a “cidade” tem filhos e filhas estudando fora. Já não há o mesmo tipo de investimentos que outrora o café necessitava e que garantia o retorno financeiro esperado.

Diante deste novo cenário que desponta novas necessidades no âmbito Educacional passam também a existir: Criação de cursos noturnos para atender a classe trabalhadora, masculina e feminina, pois afinal de contas quem tem a necessidade de estudar no período noturno é quem trabalha durante o dia; classes mistas para que desta forma chagasse a número necessário de alunos por classe, principalmente nas zonas mais afastadas da cidade; deslocamento de professores para as zonas rurais da cidade, pois muitas destas ficavam sem aula durante certo tempo por falta de quem às ministrassem.

Com o advento da energia elétrica o homem não passa mais a depender de fatores climáticos ou religiosos para manter o seu sistema de produção em plena otimização. Trata-se do rompimento entre o tempo cronológico da Igreja e tempo cronológico do Homem. A



noite já não é mais temida, ao contrário, ela passa a ser período produtivo onde se trabalha e estuda, se vive, cria e gera riquezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminarmos este artigo, de maneira alguma, damos este assunto por finalizado, ao contrário, queremos lançar futuras abordagens que possam de diferentes maneiras virem a refletirem as relações intrínsecas e imbricadas entre: a Educação com forte apelo ao Catolicismo presente no processo vanguardista da cidade de São José dos Campos e suas mais diversas relações de influência e controle social, seja por meio de seus clérigos na intensa dinâmica entre uma fé devocional e ordeira, na presença das freiras consagradas e seus trabalhos: em orfanatos no acolhimento aos menos favorecidos; nos asilos em relação aos idosos por meio de uma prática de acolhida que visava sobretudo evidenciar o reconhecimento existencial destes anciãos e sua contribuição laboral para com a sociedade; nos externatos e nas escolas confessionais, por meio da perpetuidade de uma ideologia que ao mesmo tempo traz em seus signos e significados o arcabouço de uma doutrina Católica Apostólica e Romana com fortes traços do moralismo e da ética crista, seja nos tratos relacionados a educação feminina, no intuito de formar mulheres dignas e virtuosas- do lar, seja na separação comportamental e biológica de meninos e meninas (escola de meninas e escola de meninos) , por meio da distinção de gênero; nas pousada de acolhimento e nos sanatórios de tratamento dos infectos de tuberculose, através da praticidade das virtudes cristãs: fé, esperança e caridade, bem como a introdução de novas técnicas de tratamentos a tuberculose, na formatação de novas técnicas de tratamento da moléstia, bem como a inserção de novos remédios e instrumentos que visavam sobretudo a contenção da doenças por meio de seu controle epidemiológico, retenção e erradicação.

Certamente, devemos de forma criteriosa e desprovida de certos sentimentos que nos possam comprometer a nossa consciência de fatos históricos e de certas dinâmicas políticas e financeiras, ao apontarmos como forma nuclear deste ensaio, a Expansão Industrial da Cidade de São José dos Campos na década de 20 como ponto crucial de toda a sua história contemporânea, nos âmbitos : da política na significância que a cidade passou a ter; do acúmulo de riquezas e da expansão da cadeia de serviços que esta demanda passou a exigir



e o aumento populacional vertiginoso ; da tecnológica que hoje se faz detentora como principal expoente da região do vale do Paraíba.

Destarte, estando cientes de ser este trabalho uma luz em meio a tantas possibilidades pertinentes, importantes que possam surgir a partir desta pequena análise, nos damos por realizados e confiantes que está “visão” possa ser um norte de correlações de saberes e busca de novos conhecimentos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZZI, Riolando. *As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem Anos de História. 1ºVolume-Implantação do Instituto: 1892-1917*; São Paulo- 1999.

AZZI, Riolando. *As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem Anos de História. 2ºVolume-A Consolidação do Instituto: 1917-1942*; São Paulo- 2002.

AZZI, Riolando. *As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem Anos de História. 3ºVolume-A Expansão do Instituto: 1942-1967*; São Paulo- 2003.

BOSCO, Terésio. *1931-Dom Bosco: uma biografia nova*: edição infanto-juvenil. Terésio Bosco; traduzido por Hilário Passero. 3ª. ed.- São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1999.

SCARAMUSSA, Tarcísio: *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: Um Estudo de Educação. 3ª.ed.* - São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

FONSECA, Pe. Jairo de Matos: *O Sistema Preventivo de Dom Bosco. 3ª. ed.* Belo Horizonte:ISJB-CESAP, 1999.

LAGES, António; *Dom Bosco: traços biográficos.* António Lages, Cristiano Roberto Campelo. 5ª edição- São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

TOLEDO, Osvaldo Martins. *São José do Orlando dos Campos, do Bacilo de Koch.* Editora JAC- São José dos Campos- SP, 1995.

BITTENCOURT, Tania Mara Mota. *Arquitetura Sanatorial.* São José dos Campos, FCCR, 1998.

JUNIOR, Agê, *São José dos Campos de 1900 a 1980.* Editora Santuário Aparecida do Norte-SP, 1981.

JUNIOR, Agê. *São José dos Campos e sua História.* Offset Cópia Ltda. Indústria Gráfica, 1978.

MONTEIRO, Napoleão (Org.) *Almanach de São José dos Campos-s.* ed. para 1922.

TEIXEIRA, Ivan da Silva. *Do Besouro ao Bandeirante.* Etc. Marketing Promocional Ltda. 2000.

SOUZA, Ana Maria de e SOARES, Luis Laerte. *Modernidade e urbanismo Sanitário SJC.* Papercrom.2002.

CESCO, Nelly de Toledo. *São José dos Campos – Uma Visão da Fase Sanatorial.* FCCR. 1992



- SIQUEIRA, JAIRO César de. *Nossa Cidade de São José dos Campos*. Gráfica Barthô Ltda.1991.
- CURSINO, José Cristóvão Ribeiro e MATTA, Rubens. *São José Hoje*-São José dos Campos-SP. Brasil-JAC Editora, 2003.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução: NASSETTI, Pietro. Coleção: A Obra Prima de Cada Autor. Editora: Martin Claret, São Paulo - SP, 2004.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução: NASSETTI, Pietro. Coleção: A Obra Prima de Cada Autor. Editora; Martin Claret, São Paulo – SP, 2004.
- SOUZA, R. F. *Templos de Civilização: a Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHUSTER, Vitor. *Zoneamento e Urbanização na Cidade de São José dos Campos na fase Sanatorial*. In: Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e doença. Volume IV. São José dos Campos História e Cidade. São Paulo. Intergraf.2010.
- Paula, Maria Tereza Dejuste de. *Escola e educação em São José dos Campos: espaço e cultura escolar*. Maria Tereza Dejuste de Paula, Zuleika Stefânia Sabino Roque (Orgs.); Maria Aparecida Papali, Valéria Zanetti (Coords. da série). - São José dos Campos: Univap, 2012.